https://doi.org/10.20336/rbs.1007

Análise crítica de narrativa (ACN) em perspectiva sociológica

Crítical narrative analysis (CNA) in sociological perspective

Análisis crítico de la narrativa (ACN) desde una perspectiva sociológica

Frederico Salmi[*]
Lorena Cândido Fleury[**]
Monika Dowbor[***]

RESUMO

O artigo apresenta um quadro conceitual-metodológico original para análises interpretativo-críticas denominado análise crítica de narrativa (ACN) em perspectiva sociológica. Esta proposta é baseada em estudos empíricos a partir dos arcabouços da sociologia do conhecimento no âmbito crítico. A ACN sociológica é estruturada em três etapas analíticas. A estratégia metodológica apresentada permite analisar, de forma robusta, a dimensão ideológico-política de fenômenos sociopolíticos em tempos de catástrofes sociais e climáticas. Sua aplicação é demonstrada em um exemplo empírico. A originalidade da proposta consiste na estruturação de um método mais integral de ACN e adequado às questões contemporâneas, em particular à questão climática que afeta a todos, humanos e não humanos, porém de modo desigual. Esta proposta tem uma abordagem interdisciplinar e pode ser mobilizada por outros campos disciplinares.

Palavras-chave: imaginário social, análise discursiva, sociologia crítica, movimentos sociais, políticas de mudança climática.

[*] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Doutor em Sociologia, membro dos Grupos de Pesquisa TEMAS (UFRGS), RIAT America Latina (CLACSO), Programa AmazonFACE (INPA), Red Iberoamericana de Ciencias Sociales Computacionales (RICSC), CEPED RS, CSSN (Institute at Brown for Environment and Society) e INCT Participa.

[**] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Doutora em Sociologia, professora do Departamento de Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa TEMAS (UFRGS) e do INCT Participa.

[***] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Doutora em Ciência Política, professora do Bacharelado e do PPG em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa NDAC (Cebrap) e do INCT Participa.

ABSTRACT

The article presents an original conceptual-methodological framework for interpretive-critical analysis called critical narrative analysis (CNA) from a sociological perspective. This proposal is based on empirical studies using the frameworks of critical knowledge sociology. Sociological CNA is structured in three analytical stages. The methodological strategy presented allows for a robust analysis of the ideological-political dimension of sociopolitical phenomena in times of social and climate catastrophes. Its application is demonstrated in an empirical example. The originality of the proposal lies in the structuring of a more comprehensive CNA method that is appropriate for contemporary issues, in particular the climate issue that affects everyone, humans and non-humans alike, but in unequal ways. This proposal has an interdisciplinary approach and can be mobilized by other disciplinary fields.

Keywords: social imaginary, discursive analysis, critical sociology, social movements, politics of climate change.

RESUMEN

El artículo presenta un marco conceptual y metodológico original para el análisis interpretativo-crítico denominado análisis crítico de la narrativa (ACN) desde una perspectiva sociológica. Esta propuesta se basa en estudios empíricos a partir de los marcos de la sociología del conocimiento en el ámbito crítico. El ACN sociológico se estructura en tres etapas analíticas. La estrategia metodológica presentada permite analizar, de manera sólida, la dimensión ideológica-política de los fenómenos sociopolíticos en tiempos de catástrofes sociales y climáticas. Su aplicación se demuestra en un ejemplo empírico. La originalidad de la propuesta consiste en la estructuración de un método más integral de ACN y adecuado a las cuestiones contemporáneas, en particular a la cuestión climática que afecta a todos, humanos y no humanos, aunque de manera desigual. Esta propuesta tiene un enfoque interdisciplinario y puede ser movilizada por otros campos disciplinarios.

Palabras clave: imaginario social, análisis discursivo, sociología crítica, movimientos sociales, políticas de cambio climático.

Introdução

Na era do *Capitaloceno* (Arias-Maldonado, 2019; Clark & Szerszynski, 2021; Fleury, Miguel & Taddei 2019; Ulloa, 2017), há uma guerra de narrativas climáticas. De narrativas negacionistas orquestradas por coalizões de megacorporações transnacionais (Brulle, 2019) às narrativas estratégicas de corporações em crise devido aos desastres socioambientais (Ceni & Rese, 2020), até narrativas pós-apocalípticas de ativistas climáticos (De Moor & Marquardt, 2023). Os desafios para se compreender como essas narrativas são construídas nos planos subjetivo – *e.g.* ideológico, utópico ou das crenças (*i.e., policy beliefs*) (Sabatier, 1998; Weible *et al.*, 2011) – e objetivo – *e.g.* construções de infraestruturas – são tanto metodológicos como críticos. Em suma, entender como os grupos se organizam em redes e coalizões ideológicas ou utópicas (Barcelos, Pereira, & Silva, 2016; Ripberger *et al.*, 2014) no que tange às dinâmicas para se formular "boas" políticas socioambientais e climáticas é um dos desafios para as Ciências Sociais, especialmente para a Sociologia contemporânea.

Grosso modo, a análise de conteúdo (AC) (Bardin, 2011/1977) ainda é de longe o método mais utilizado nas Ciências Sociais para o enfrentamento e compreensão dessas questões. Além desse método, a análise de discurso (AD) segue a reboque como alternativa mais mobilizada pelos pesquisadores. Nessa linha, diante da inevitável e evidente deterioração das condições de vida humana e de outras espécies devido à atual mudança climática, questionamo-nos: que outro tipo de técnica pode ser mobilizado no atual contexto das guerras discursivas e narrativas que permeiam em alta velocidade os espaços físicos e virtuais? O presente artigo apresenta a análise crítica de narrativa (ACN) como uma opção metodológica.

Apoiamo-nos na constatação de que, nas publicações científicas em língua portuguesa no Brasil, menos de 1% da produção no campo da Sociologia mobilizam a análise de narrativa (AN) como abordagem metodológica qualitativa crítica – as análises de conteúdo (AC) correspondem a 78%, e as de discurso (AD) a 22% do total de publicações da série histórica.[1]

[1] Ver as notas de rodapé 3 e 4 na seção "Metodologia" deste artigo. Cabe ressaltar que a mobilização generalizada da análise de conteúdo (AC) no Brasil tem recebido algumas poucas críticas sobre a falta de críticas sobre os limites da AC e a queda de qualidade analítica em relação à sua aplicação em trabalhos contemporâneos (Sampaio *et al.*, 2022). Em outra revisão sistemática recente sobre AC, os autores, ao analisarem 71 trabalhos especializados, identificaram que apenas um apresenta críticas sobre os limites de aplicação e sugerem "romper o círculo de mobilização de AC como padrão e incentivar outras abordagens epistemológicas e mais críticas (Sampaio *et al.*, 2025).

Há vinte e cinco anos, o sociólogo Franzosi (1998, p. 517) colocou a seguinte questão: "Por que e como sociólogos [e de modo mais amplo, cientistas sociais] deveriam se interessar por narrativa?". A *virada narrativa* ocorre a partir da década 1970, apropriada primeiramente pelas Ciências Políticas, na sequência pela Psicologia e posteriormente pela Sociologia (Czarniawska, 2004). A primeira questão (Por quê?) é densamente respondida por Franzosi (1998) e, contemporaneamente,[2] por Motta (2013). Concentramo-nos na segunda questão (Como?).

Partimos da premissa de que a narrativa é um aparato de poder que pode ser apreendido a partir das práticas discursivas dos sujeitos, inclusive práticas materiais construídas pelos sujeitos (Motta, 2013). Em termos teórico-analíticos, a ACN é modelada a partir da aproximação da ACD e da AN (Souto-Manning 2012). Outra premissa da ACN é a de que toda narrativa visa influenciar uma reprodução/transformação social, como nos processos de formulação de políticas públicas e nos processos de mediação junto aos *policymakers* (formuladores de políticas públicas).

Entre as vantagens da ACN, destacamos: 1) a captura direta da dimensão ideológica por meio de uma estratégia conceitual-metodológica robusta (*e.g.* metanarrativa); 2) o contexto espacial e temporal é mandatório na análise, *i.e.*, o contexto importa; 3) há mecanismos analíticos à compreensão da construção dos significados coletivos e da *coconstrução* do significado do discurso narrativo existente (narrativa interpretativa); e 4) a possibilidade da mobilização da narrativa crítica como demarcadora sociológica – e com isso a possibilidade de capturar o que é consensual (dominante, hegemônico, normalizado) e o que é desviante (emergente, contra-hegemônico) no ordenamento social (narrativa crítica).

Outra premissa que adotamos é a de que o Antropoceno é entendido na perspectiva crítica das Ciências Sociais. Mais do que enquadrar a ação humana como uma força geológica, o Antropoceno é um conceito associado à crítica sobre os efeitos do capitalismo (ou conceitos equivalentes como neoliberalismo, neoextrativismo, neocolonialismo etc.) contemporâneo. Outros termos críticos como Androceno, Antrobsceno, Capitaloceno, Chthuluceno, Colonialoceno, Queerceno, Plasticeno, *Whatevercene* e *Wasteocene* (Fleury *et al.*, 2019; Fortes, Porsani, & Lalander, 2023; Salmi & Fleury 2022a; Veiga, 2023) remetem, *grosso modo*, a uma abordagem crítica

[2] Ver Cap. 1 "Por que estudar as narrativas?" (Motta, 2013, p. 27-62).

à questão hegemônica, fundada no paradigma dualista "sociedade/natureza" e a outros paradigmas da *Modernidade* (Svampa & Viale, 2021). Nessa linha, a análise tem como vetor crítico os sistemas e estruturas dominantes que reproduzem ou aumentam as iniquidades sociais, ecológicas e climáticas em suas várias escalas e níveis.

Diante dessas premissas, como sistematizar e aplicar a análise crítica de narrativa em uma perspectiva sociológica? Como resposta a essa pergunta, apresentamos um quadro conceitual-metodológico para análise interpretativo-crítica de fenômenos sociopolíticos, em especial aqueles que têm a questão dicotômica (*e.g.* questão climática e a separação humanos e natureza) como objeto sociológico-político. O quadro apresentado está ancorado em componentes da análise de narrativa e da análise crítica de narrativa (Feldman *et al.*, 2004; Landowski, 2014a, 2014b; Lynch, 2015; Montanari, 2013; Motta, 2013) e orientado pelos campos da sociologia do conhecimento, em especial da utopia crítica e da questão climática (Clark & Szerszynski, 2021; Climate and Development Lab, 2023; De Moor & Marquardt, 2023; Martins, 2021, 2023; Robinson, 2016; Salmi & Fleury, 2022b).

A análise de narrativa (AN), *grosso modo*, situa-se no plano interpretativo – em boa medida devido ao contexto do qual esse tipo de análise emergiu no período entre as décadas de 1970 e 1990. Todavia, contemporaneamente, a AN é mobilizada para compreender a produção de sentido baseada na captura de "ideias, eventos, pessoas, interesses, lugar de fala e representatividade" e, desse modo, as narrativas visam "fazer uma *costura* entre artefatos textuais (documentos) e não textuais (discursos e entrevistas)" (Silva & Moreira, 2022, p. 20). Nessa linha de se compreender a produção de significados do nexo entre ideias, discursos e documentos, alguns quadros conceituais-metodológicos emergiram nas Ciências Sociais, como a análise da questão climática em perspectiva narrativa político-crítica (Taks, 2019; Viglio *et al.*, 2019) e em perspectiva político-jurídica (Rached, 2016). Já a análise crítica de narrativa se encontra em ambos os planos, tanto no plano interpretativo quanto no plano crítico – esse último entendido como o plano da *metanarrativa*, ou seja, no plano da ideologia e da utopia (Feijó, 2014, 2017; Motta, 2013) –, enfim, no plano da produção de conhecimento e da orientação das ações políticas no mundo.

A análise de narrativa é utilizada, entre outras possibilidades, como método para compreender processos sociopolíticos de movimentos

sociais no Brasil (Demuru, 2019) e em países da América Latina (Horta *et al.*, 2019; Van Noort, 2019), porém a análise *crítica* de narrativa (ACN) ainda é marginal. Recentemente, também tem sido mobilizada para estudos e pesquisas empíricas de movimentos climáticos em países europeus (De Moor & Marquardt, 2023). A mobilização do método análise crítica de narrativa na perspectiva da questão climática (ACNC) visa ser um aporte conceitual-metodológico para análises de ordem interpretativa e crítica da questão climática à luz das Ciências Sociais, em especial na perspectiva sociológica.

1 Metodologia

O presente trabalho parte da constatação de uma lacuna:[3] produções científicas sobre movimentos climáticos no mundo e, em especial, no Brasil mobilizam raramente a análise de narrativa (AN) ou análise crítica de narrativa (ACN). O quadro conceitual-metodológico desta proposta de ACN em perspectiva sociológica é fruto de dois anos de pesquisa conceitual-empírica.

Uma revisão sistemática sobre análise crítica de narrativa na perspectiva sociológica nos permitiu detectar a atual lacuna. A revisão partiu da base Google Acadêmico,[4] e foram avaliados autoras e autores que mobilizam a AN ou ACN a partir do campo da Sociologia, em especial aqueles que têm a questão do clima como objeto analítico ou aqueles que mobilizam conceitos em uma perspectiva crítica.

---

[3] O presente trabalho foi forjado ao longo de dois anos e teve três versões preliminares apresentadas e lapidadas no marco dos seguintes Simpósios/Seminários: 1) I Seminário do PPGS/Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): O lugar da sociologia na reconstrução da democracia — GT 3, Métodos e técnicas de pesquisa, UFPE, 2023; 2) III Seminário de Pesquisa Narrativa: A Formação docente e a formação do pesquisador narrativo / I Seminário Internacional De Pesquisa Narrativa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2023; e 3) XIV Semana Acadêmica das Ciências Sociais e VIII Jornada Brasileira de Sociologia, GT 2 - Discursos, narrativas, fake news e as ações do Estado na sociedade informacional, Universidade Federal de Pelotas (UFpel), 2023.

[4] Ressaltamos que o objetivo do presente trabalho foi fruto de uma revisão sistemática dos tipos de análise crítica de narrativa e o resultado foi apresentado nos simpósios citados anteriormente. De modo sintético, a revisão iniciada na base Google Acadêmico (pesquisa em 01 mai. 2023) com termos-chave na língua portuguesa ("método de análise", "análise de narrativa", "sociologia"), seguido de leituras em profundidade dos artigos que continham no título ou resumo o termo "análise de narrativa" e ("ciências sociais" ou "sociologia") ou "análise crítica de narrativa". Em termos de comparação, foi mobilizada a palavra-chave "discurso" no lugar de "narrativa" Na leitura foram incluídos livros sobre análise crítica de narrativa em inglês e espanhol. A revisão contou com suporte de instrumentos como *Connected Papers* e apresentações em GT especializadas em métodos qualitativos.

O quadro da análise crítica de narrativa em perspectiva sociológica, além do arcabouço teórico, é fruto de aplicações empíricas e, portanto, uma modelagem estrutural conceitual-metodológica realizada a partir das contribuições da análise interpretativa crítica e da sociossemiótica à luz de uma perspectiva sociológica-política. Entendemos análise crítica de narrativa como estudo metodológico, de processo analítico rigoroso, situado histórica e sociopoliticamente, que, ancorado no espírito crítico,[5] visa interpretar e compreender criticamente as configurações objetivas e subjetivas que movem as sociedades, em especial no plano discursivo, como o ideológico e/ou utópico.[6] Ressaltamos que a ACN não é uma abordagem linguística – apesar de mobilizar algumas contribuições como noções da semiótica –, mas sociológica crítica com foco na construção de sentidos e significados que permite compreender os processos de construções desses arranjos ideológicos/utópicos imbricados em redes sociopolíticas.

Partimos da premissa teórico-metodológica de que toda narrativa é uma configuração discursiva – nesse arranjo, encontram-se os elementos ideológicos e/ou utópicos – e de que toda ação social é fruto de uma relação indissociável com a dimensão do pensamento e da reflexão – dimensão onde se inserem elementos reflexivos como princípios éticos, crenças, valores, elementos ideológicos, entre outros. Cabe ressaltar que a abordagem sociossemiótica está intimamente associada à análise de narrativa (Demuru, 2019; Landowski, 2014a, 2014b; Montanari, 2013), pois esta visa compreender os regimes de interação e construção de sentido entre os sujeitos para além do texto (Landowski, 2014b). Como a análise de narrativa (AN), *grosso modo*, a abordagem sociossemiótica compreende uma série de estratégias metodológicas que buscam compreender a construção de sentido por indivíduos e coletivos e suas implicações sociais e políticas (Landowski, 2014a). Nessa linha, alguns elementos da abordagem sociossemiótica são incorporados ao quadro proposto da ACN.

Um dos principais motivos para a aproximação com o arcabouço da sociossemiótica está na utilidade metodológica para análises no plano imagético de ordem estética-sensorial. Entendemos que, na era digital, boa

[5] Entendemos que o "espírito crítico é a atitude que busca com seriedade a verdade, pondera razões, confronta motivos, situa concretamente o objeto analisado." (Motta 2013, p. 23).

[6] Para Motta (2013), a análise de ordem ideológica ocorre no movimento das metanarrativas, porém o autor não aborda o plano utópico. Neste artigo, alinhamos ao enquadramento de que ideologias e utopias se encontram em uma relação indissociável (el-Ojeili, 2020).

parte das narrativas é construída e mediada em espaços cibernéticos, nos quais os elementos de comunicação tecnológica (*e.g.* imagens como figuras, vídeos, memes e outros; sons como *podcasts* e *streaming*; direcionadores tecnológicos como *hashtags*, @usuário, *links*, entre outros) entre humanos e não humanos produzem vínculos indissociáveis nos processos de mediação e modulação das relações sociais resultantes. Torna-se fundamental a incorporação de perspectivas subjetivo-digitais no quadro de uma análise crítica da narrativa contemporânea.

Cabe ressaltar que, neste trabalho, não exploramos os instrumentos (desde os gratuitos, como planilhas, até os pagos, como NVivo ou Atlas.ti) que auxiliam na organização dos documentos coletados, codificados e analisados.

2 Quadro da análise crítica de narrativas (ACN) em perspectiva sociológica

O Quadro 1 encontra-se estruturado em diferentes planos analíticos, organizados em três etapas analítico-metodológicas:[7] 1) elementos narrativos, 2) narrativa interpretativa e 3) narrativa crítica.

Quadro 1. Quadro da Análise crítica de Narrativas em perspectiva sociológica

Plano analítico	Objetivo	**Unidade analítica**	**Exemplos empíricos**
Camada C1: Elemento narrativo			
C1.1 Unidade narrativa	Definir o recorte empírico do conteúdo narrativo inicial	microrrelato a metarrelato	Tuíte (micro), seção de um relatório (meso), Nota Técnica (macro), evento de manifestação pública, *e.g.* Ato pela Terra (meta)
C1.2 Contexto	Posicionar a análise de narrativa no espaço e no tempo	*Grosso modo*, encontra-se na dimensão geopolítica do relato selecionado.	Período (pré/pós) eleitoral, projetos de lei no Congresso, COP.

[7] Similar à estrutura do campo da análise de narrativa (AN) laboviana: i) prefácios, ii) desfechos e iii) codas (Biar, Orton, & Bastos 2021).

... continuação Quadro 1. Quadro da Análise crítica de Narrativas em perspectiva sociológica

C1.3 Agente/ Ator social	Identificar o(s) sujeito(s) e/ou instituições do plano material (pessoas físicas e/ou jurídicas ou instituições informais, mas legitimadas)	Varia de um recorte na frase até um evento. Ver dimensionamento de relatos.	Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Senado Federal, Supremo Tribunal Federal.
C1.4 Figura ideológica e/ou utópica	Identificar personagens do plano imaginal.	Varia de um recorte na frase até um evento. Ver dimensionamento de relatos.	A Ciência, a Ancestralidade, a Tecnologia, a Liberdade, a Pátria, a Soberania, o Estado, o Mercado.
C1.5 Instâncias modais	Identificar a(s) competências(s) modais	*Idem* anterior.	*Cf.* Quadro 2.
C1.6 Imagem	Identificar a gramática a partir da dimensão estética da narrativa.	Elemento de construções artístico-estéticas.	Infográfico, *card*, foto, cena de vídeo, ilustração, capa de relatório, meme.
Camada C2 Narrativa interpretativa			
C2.1 Linha básica	Identificar o tema central	A partir do dimensionamento de relatos.	Ver caso "Buraco do Inferno (BA)" neste artigo.
C2.2 Linha de oposição	Colocar em oposição argumentos conflitivos.	*Idem* anterior.	*Idem* anterior.
C2.3 Linha consolidada	Resumir a narrativa resultante em uma frase (*mote ou coda*)	*Idem* anterior.	*Idem* anterior.
Camada C3 Narrativa crítica			
C3.1 Categoria analítica em perspectiva crítica	Explicitar a(s) categoria(s) mobilizadas para a análise crítica	Conteúdos de C1 e C2 à luz da(s) categoria(s).	*utopia* (el-Ojeili 2020); *futuro imaginado* (Beckert & Suckert 2021)
C3.2 Análise crítica da narrativa na chave da questão climática	Elaborar uma crítica a partir das categorias na perspectiva crítico-sociológica.	A partir da análise dos elementos narrativos (C1) e da interpretação narrativa (C2).	*Idem* anterior.

Fonte: elaboração própria.

O caminho analítico é iniciado a partir da definição da *unidade narrativa* (C1.1). Entende-se por *unidade narrativa* o recorte do conteúdo narrativo, categorizado em quatro tipos: microrrelato (*e.g.* postagem de um tuíte), mesorrelato (*e.g.* seção de um relatório, podcast ou vídeo), macrorrelato (*e.g.* vídeo completo) e metarrelato (*e.g.* eventos, como Ato pela Terra de 2022 ou Ato Golpista de 8 de janeiro de 2023 no Brasil) (Feldman *et al.*, 2004; Sutton, 2019). Em síntese, um relato é uma cadeia de eventos relacionados entendida como um *produto narrativo*.[8]

Na subetapa *contexto* (C1.2), busca-se capturar o contexto sociopolítico no qual a narrativa está inserida espacial e temporalmente (Demuru, 2019; Landowski, 2014a; Montanari, 2013). O contexto é construído analiticamente por fatos ou fenômenos que tenham uma relação direta com a pergunta de pesquisa e o objeto sob análise. Pode estar localizado nos níveis local, regional, nacional e/ou internacional. A linha de tempo não tem necessidade de ser cronológica para a seleção de fatos ou fenômenos sociais que são relevantes ao objeto sob análise. O contexto importa para análise crítica da narrativa devido a sua relação com as configurações ideológicas e/ou utópicas. Como afirma Motta (2013, p. 121, grifos acrescidos): "as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em *certos contextos* históricos, *cristalizam* as crenças, os valores, *as ideologias*, a política, a cultura, a sociedade inteira".

Na sequência, parte-se para a identificação dos *atores sociais* (C.1.3). Os atores são entendidos como agentes sociais e sujeitos políticos do plano objetivo e material. Neste enquadramento, atores sociais são tanto pessoas físicas como instituições formais ou não, desde que reconhecidas por uma determinada comunidade como uma organização legítima.

Na subetapa *figura* ideológica ou utópica (C1.4) busca-se capturar não o ator social, mas o agente narrativo que se localiza no plano imagético. Não confundir o ator/agente social com a figura narrativa, pois o ator social se encontra no plano material, *i.e.* pessoa física, pessoa jurídica ou instituição – *e.g.* Greta Thunberg, Observatório do Clima, Ministério do Meio Ambiente, Petrobras. Entretanto, a figura narrativa se encontra

[8] *Cf.* o entendimento de que uma narrativa pode ser abordada como um processo de construção (na mesma linha de narrativa climática (De Moor & Marquardt, 2023) ou a narrativa construída, ou um documento produzido, pode ser uma narrativa-produto (Sutton, 2019).

no plano do imaginário social (*e.g.* a Ativista Climática, a Coalizão da Sociedade Civil, o Estado, o Mercado). Trata-se do personagem imagético (agente narrativo construído social e culturalmente no imaginário social) que participa da narrativa *e* está vinculado diretamente a algum significante (*e.g.* a liberdade, a democracia, a soberania, o capital). Trata-se do personagem narrativo, do sujeito do plano do pensamento. É uma figura que se encontra somente no plano imagético, ou dito nos termos da sociossemiótica trata-se do sujeito semiótico. O actante narrativo é entendido tanto no sentido sociossemiótico (Landowski, 2014a; Montanari, 2013) como no sentido sociológico aqui proposto. Nesse entendimento, a figura possui *papel temático*,[9] ou seja, tem um agir político específico no mundo e, consequentemente, uma relação direta com o ator/agente social.

Na subetapa *instância modal*[10] (C1.5), busca-se capturar a *estrutura de poder* que a figura possui como dimensão de ação.[11] Essa competência modal confere potência ao agir sociopolítico do sujeito inserido em determinado contexto espaço-temporal. Nessa etapa, a *instância modal* pode ser identificada a partir de estruturas de poder já descritas na literatura e expandida no Quadro 2 abaixo. Em outros termos, a instância modal contém o imperativo de ação (verbo-chave) que irá orientar o sujeito coletivo sociopolítico.

Na subetapa *imagem* (C1.6), busca-se capturar os núcleos de sentido materializados nas dimensões do sensível, em especial a partir da estética.[12] Grosso modo, esta etapa analítica tem como recorte o plano visual-ideológico e/ou imagético-utópico. Reforçamos que "a interpretação de mídias visuais exige uma abordagem profundamente qualitativa mais do que quantitativa [...] devido às possibilidades dos signos semióticos" (Manovitch, 2020, p. 223).

---

[9] O papel temático de Landowski (2014) é associado na presente abordagem como figura (ideológica ou utópica) no plano da gramática narrativa.

[10] Também denominada como competência modal (Landowski, 2014a, 2014b). Na presente abordagem, competências modais e instâncias modais são utilizadas no mesmo sentido (Demuru, 2019; Landowski, 2014b; Montanari, 2013).

[11] Entende-se figuras como "participantes [que estão] 'carregados' de uma competência modal; e é essa competência que define o papel dos diversos actantes, ou seja, das instâncias que desempenham os diversos programas de ação [programa narrativo]." (Montanari, 2013, p. 135).

[12] Outro modo de capturar a crítica a partir da *dimensão estética* é mobilizar a *forma-crítica* de *apresentação da utopia imaginada* pelos atores por meio da análise das imagens produzidas. *Cf.* relação entre imagem e plano imagético-crítico (Werneck & Loretti 2019).

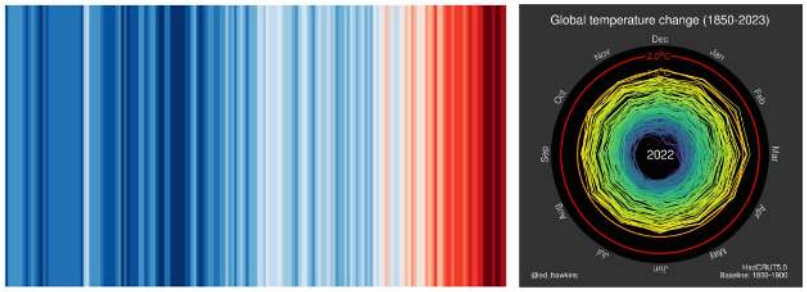
Quadro 2. Tipologia das instâncias modais (ampliada)

Instância modal	**Estrutura de poder: verbo modal**[13]	**Exemplo empírico** (marcador da instância modal)
científica (produção de conhecimento)	fazer-saber	Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA)
tecnológica (competência técnica)	saber-fazer	BR-135 (megaprojeto, infraestrutura etc.)
política (vontade e poder do agir)	fazer-querer	Corte orçamentário, Poder Legislativo e Executivo. Grupos da sociedade civil (*e.g.* Observatório do Clima)
jurídica (legislação)	fazer-dever	Decreto 10.935/22
burocrática; administrativa (execução operacional, gestão das instituições)	fazer-fazer	Cumprimento de normas (*e.g.* Ibama solicita à Petrobras a Avaliação Ambiental de Área Sedimentar).
religioso (sistema de crenças)	fazer-crer	Crenças de um povo indígena
ontológica (o Outro, não humano biótico)	poder-ser ser-saber	Lago subterrâneo em São Desidério (BA); Rio Laje – Komi-Memen (RO)
ontológica (o Outro, não humano)	fazer-saber → saber-fazer → saber-ser	Plataformas digitais com *machine learning*, algoritmos inteligentes, IAs (*e.g.* PrevisIA da IMAZON)
econômica (capital e seus usos)	fazer-apropriar → fazer-destruir; ou fazer-redistribuir	Economias conectadas à distopia financeiro-rentista globalizante (capitalismo; neoliberalismo; pós-neoliberalismo)

Fonte: elaboração própria.

[13] O verbo-chave (relação entre dois ou mais verbos sequenciais) é que orienta subjetiva e politicamente o sujeito coletivo. O verbo modal ou verbo-chave é a relação dialética na estrutura do poder.

Figura 1. Exemplos de imagens no nexo da questão climática.



Fonte: autores. Recortes a partir de Hawkins. À esquerda "warming stripes" e à direita "climate spiral".

Imagens como as *tiras de alerta* ou a *espiral climática* (Figura 1) – como as elaboradas por cientistas[14] – são formas de mobilizar e fomentar subjetividades até então inexistentes no plano material e/ou imaginal. Pesquisadores que visam analisar conteúdos visuais em espaços digitais podem mobilizar métodos analíticos como análise de conteúdo visual, análise de discurso (Schäfer & Yan 2023). A mobilização de algumas abordagens da sociossemiótica é muito útil para esta etapa. É como capturar a "dança semiótica-material" das relações sociais (Haraway, 2008, p. 26) – e, nessa dança, a sociossemiótica auxilia a operacionalizar a captura desses núcleos de sentido a partir das dimensões do sensível.

A gramática narrativa na perspectiva da sociossemiótica (Landowski, 2014a, 2014b) permite compreender o regime social no qual o agente (*e.g.* ator social, grupo, coletivo, coalizão) está inserido a partir de imagens (como a Figura 1):

1. *regime da programação* – ancorado no princípio de ação que produz uma regularidade programada sobre o ordenamento social. Trata-se da reprodução induzida por algum grupo dominante. Emerge a figura do "programador". A instância modal primária é o fazer dever (*e.g.* legislar para reproduzir desigualdades a partir da dimensão jurídica);
2. *regime da manipulação* – ancorado no princípio de ação que visa produzir uma nova intencionalidade programada sobre o ordenamento social, todavia por meio de uma ilusão. Trata-se da reprodução orientada ao pseudo-ordenamento do social em uma perspectiva reacionária. Emerge a figura do manipulador ou indutor

[14] Ver Hawkins, Ed (s/d), *Climate Visuals*. Consultado em 20 dez. 2023, em https://ed-hawkins.github.io/climate-visuals/.

que, aparentemente, visa romper com o *status quo*. A instância modal primária é o fazer querer ou fazer desejar (*e.g.* mobilizar mídias sociais para reproduzir o imaginário consumerista a partir da dimensão econômica);

3. *regime do sensível* – ancorado no princípio de ação sensível. Pautada pela coexistência pacífica com outras alteridades, outras visões de mundo. Emerge a figura da natureza, do Outro, do sensível. A instância modal primária é o fazer sentir (*e.g.* dimensão estética, religião, ontológica);
4. *regime do imprevisível*[15] – ancorado no princípio de ação não linear. Neste regime de reordenamento social, a produção de novas formas sociais é acidental, não prevista. Emerge a figura do imprevisível. A instância modal primária é o fazer sobrevir (*e.g.* dimensão ontológica).

O conteúdo visual na perspectiva sociossemiótica (Landowski, 2014b; Montanari, 2013; Sutton, 2019) possibilita identificar os elementos correspondentes da análise de conteúdo textual. Na análise sociossemiótica, é possível capturar a configuração ideológica[16] ou utópica[17] a partir de elementos visuais (*e.g.* Clark & Szerszynski, 2021; Climate and Development Lab, 2023; De Moor & Wahlström, 2019; Elliott & Urry, 2010; Thurlow & Jaworski, 2006). Um exemplo recente é a interpretação de diagramas nas estratégias empresariais do capitalismo extrativista (Assis & Acselrad, 2024). A mobilização dessa subetapa é optativa, pois não necessariamente o *corpus* contém elementos sensoriais, sejam visuais[18] e/ou sonoros.

A segunda etapa *narrativa interpretativa* (C2) é baseada na estratégia metodológica na perspectiva do conceito *story* (Feldman *et al.*, 2004): (1) linha básica (*story line*), (2) linha de oposição (*opposition in the story*) e (3) linha consolidada[19] (*story in the form of syllogism*). A *linha básica da*

---

[15] Landowski (2014a) utiliza o termo de *regime de acidente*.

[16] Thurlow & Jaworski (2006, p. 100) utiliza análise de discurso crítica (CDA) como "instrumento metodológico para revelar processos ideológicos". Entendemos que análise narrativa é o instrumento adequado para revelar processos ideológicos *e* utópicos.

[17] Mais sobre configurações do tipo utópica, ver especialmente os teóricos que abordam a utopia como método sociológico (Levitas, 2013; el-Ojeili, 2020; Salmi & Fleury, 2022b; Urry, 2016).

[18] Ressalte-se que. no limite, o próprio texto pode ser enquadrado como um objeto semiótico.

[19] *A linha consolidada* é entendida no presente enquadramento como uma síntese das linhas interpretativas ao realizar um balanço dialético e posiciona a narrativa no tempo presente – é a "coda", em um sentido similar a de Bastos e Biar (2015).

narrativa (C2.1) é o mote ou *slogan* argumentativo, ou seja, trata-se do tema central da narrativa. Já a *linha de oposição* (C2.2) é o argumento narrativo, implícito ou explícito, *que se opõe* à linha básica da narrativa. Nesse sentido, busca-se identificar o argumento que está em contraposição, ou dito em outros termos, em uma relação dialética[20] – é essa força dialética que gera um robusto arcabouço para a análise na perspectiva sociológica crítica. E a *linha consolidada da narrativa* (C2.3) é a síntese argumentativa. Essa síntese articula os elementos narrativos das subetapas anteriores (C2.1 e C2.2) e posiciona a narrativa como uma mensagem final. A *linha consolidada* é a narrativa resultante[21] da etapa interpretativa, ou seja, trata-se de uma *síntese* da relação dialética entre a linha básica e a linha de oposição. Para a extração de uma narrativa-chave, são analisadas e agrupadas as linhas consolidadas similares. Essa estratégia metodológica é realizada até se agrupar em um número mínimo, não redundante e robusto de narrativas-chave (Quadro 3).

Quadro 3. Exemplo de esquema analítico para a etapa narrativa interpretativa (C2)

C2 Narrativa interpretativa				
id. do documento	**(1) linha básica**	**(2) linha de oposição**	**(3) linha consolidada**	**narrativa-chave**
tuíte 001	infraestrutura como desenvolvimento	infraestruturas produzem distopias extrativistas	a Natureza pode ser explorada	desenvolvi-mentalismo predatório
tuíte 017	infraestrutura como logística necessária	infraestruturas produzem desmatamento	a Natureza pode ser destruída	
tuíte 022	projeto ferroviário como progresso do país	ferrovias que atravessam terras indígenas	povos originários podem ser deslocados	

Fonte: autoria própria

[20] Entendemos a relação dialética como a força propulsora pautada na "tensão, isso é, na ideia de que contrários podem se nutrir um do outro, completando-se enquanto se opõem." (Veiga, 2023, p. 59). Nessa linha, a "vocação da dialética está na transcendência desta oposição" (Jameson, 1992, p. 296).

[21] A narrativa resultante (Lynch, 2015) é abordada como parte do processo interpretativo das narrativas em contextos climáticos (De Moor & Wahlström, 2019).

Na terceira e última etapa, *narrativa crítica* (C3), busca-se identificar o elemento crítico central da narrativa. A análise deve mobilizar no mínimo uma categoria do marco teórico que orienta o problema de pesquisa. Por exemplo, categorias associadas à noção de emancipação de sistemas e estruturas dominantes. Nesta etapa crítica da análise, a narrativa é entendida "como uma textura [...] de categorias socialmente estabelecidas" que opera sob um "sistema de significações culturais e políticas mediante o qual os significados (e os sentidos) são intersubjetivamente entretecidos e coconstituídos" por práticas sociais organizadas (Motta 2013, p. 130).

Nesta etapa, torna-se essencial a integração das etapas anteriores (C1 e C2) para que se alcance – e em sintonia com Motta (2013) – a *robustez sistemática* desse tipo de análise que tem a crítica como essência. É nesta etapa que se avança para além do caráter estritamente interpretativo da narrativa em foco.

Em síntese, na primeira etapa, capturam-se os elementos básicos (C1) que possibilitam gerar uma base analítica para as duas etapas seguintes: a etapa interpretativa (C2) e a crítica (C3). Nesse movimento analítico, enquanto a etapa da narrativa interpretativa (C2) visa construir o sentido da narrativa à luz sociológica, a etapa da narrativa crítica (C3) busca posicionar dialética e criticamente a interpretação narrativa na relação direta com agenciamentos e estruturas dominantes.

3 Exemplos de aplicação do quadro ACN em perspectiva sociológica

Nesta seção, é apresentado um exemplo como forma de aplicação empírica. Antes da codificação,[22] recomenda-se a classificação dos atributos da narrativa em análise. A seguir, inicia-se a utilização das etapas propostas do enquadramento da análise crítica de narrativa *em perspectiva sociológica* na chave da questão climática.

A seguir, apresentamos uma ACN em perspectiva sociológica a partir de um caso empírico: Buraco do Inferno (BA) (maior lago subterrâneo do Brasil) e a BR-135 (nona maior rodovia federal brasileira).

[22] A codificação está baseada na estratégia indutiva (Feldman *et al.* 2004).

O documento selecionado é um tuíte – extraído do *corpus* do banco de dados de um projeto de pesquisa.[23] Trata-se de um microrrelato (Figura 2), composto por elementos textuais e visuais. O tuíte em questão é uma resposta a outro tuíte do mesmo usuário, a coalizão Observatório do Clima.

Figura 2. Tuíte "Segue o Baile" do Observatório do Clima



Fonte: Conta oficial do Observatório do Clima (@obsclima) na plataforma X/Twitter[24].

O conteúdo selecionado para análise é o segundo tuíte, que foi postado como sequência de um tuíte principal. Essa análise em particular tem como eixo a figura dos *megaprojetos de infraestrutura* e do conceito de *futuros sociais imaginados*.

[23] Trata-se de um banco de dados, ainda inédito, que contém 2.746 tuítes da rede Observatório do Clima (2022-2023).

[24] Disponível originalmente em: https://twitter.com/obsclima/status/1481633815349112836. Acesso: 1 jul. 2023. Este *post* (tuíte) estava "indisponível" em 30 set. 2025, uma vez que foi considerado "conteúdo sensível" ("mídia sensível") pelos algoritmos da plataforma X, ou seja, pelos programadores e, consequentemente, por Elon Musk. A classificação para este tuíte específico é: "*post* contendo informações polêmicas ou enganosas" (ver o link do tuíte). O tuíte original na íntegra é o conteúdo publicado neste artigo.

Sobre os *(C1) elementos narrativos*:

(C1.1) *Unidade narrativa*: tuíte (micronarrativa).

(C.1.2) *Contexto*: Último ano de mandato do Governo Federal (2019-2022) no Brasil. Ao longo desse Governo Federal (Bolsonaro), foram observadas consistentes práticas reacionárias, não raras com pautas neoliberais/neofascistas, incluindo falas negacionistas em relação aos efeitos da mudança climática.[25]

(C.1.3) *Atores sociais*: 1) o município de São Desidério, BA (instituição geopolítica), 2) a estrada interestadual BR-135 (infraestrutura estatal).

(C.1.4) *Figuras ideológico-utópicas*: 1) Medo: "na mira [de arma]", "bandido", "inferno", "destruindo", "combo da devastação" → Significante em disputa: *medo* como emoção mobilizadora; 2) Natureza: "maior lago subterrâneo do Brasil", "caverna", "cerrado") → Significante em disputa: *Natureza* como ser vivo ou como coisa; 3) Guardiã: "a caverna *vem impedindo* a BR-135" → Significante em disputa: *idem* anterior; 4) Megaprojeto de infraestrutura (Fleury & Almeida 2013) ou infraestrutura mítica (Cordero *et al.* 2023): "BR-135, uma estrada para carregar a soja"→ Significante em disputa: crescimento econômico.

(C.1.5) *Instâncias modais*: 1) política (fazer-querer): "BR-135"; 2) tecnológico (saber-fazer) "estrada para carregar a soja"; 3) ontológico (saber-ser): "lago subterrâneo"; 4) jurídico (fazer-dever): "Decreto n.º 10.935/22" (Decreto das Cavernas) – esse decreto consta no tuíte anterior no "fio" – o tuíte em análise é uma resposta de tuíte do próprio usuário.

(C.1.6) *Imagem (narrativa sociossemiótica)*: Aqui é possível realizar dois blocos interpretativos: (a) em relação à imagem *em si* do tuíte (imagem na Figura 2) e (b) em relação à imaginação fomentada a partir da leitura do texto analisado do tuíte em questão. (a) A imagem da caverna com águas cristalinas remete à figura da Natureza. Figura que se encontra na instância modal *ontológica* e remete ao regime do sensível, ou seja, visa produzir uma reflexão sobre a convivência pacífica com a natureza. (b) A BR-135 remete à figura imagética de uma infraestrutura de grande porte, pois essa rodovia tem cerca de 2.500 km e cruza quatro estados brasileiros. Ela é uma das rotas de escoamento de grãos (soja). Além de grãos, também é utilizada para

[25] Por exemplo, em 15 de novembro de 2021, no *Invest in Brazil Forum*, nos Emirados Árabes Unidos, Bolsonaro, então Presidente da República do Brasil, declarou que a "Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo". Consultado a 1 jul. 2023, em: https://www.youtube.com/watch?v=fBIU_ug_2O0&t=4s.

escoamento de minérios e outras *commodities*. A BR-135 está na fronteira entre a Amazônia Legal e o Maranhão, estado do MATOPIBA, que é a atual fronteira de expansão da soja. Nesse sentido, a BR-135 é entendida tanto como um megaprojeto quanto como uma prática do neoliberalismo extrativista e, nessa linha, reforça o imaginário do desenvolvimentalismo econômico predatório.

Sobre o segundo bloco, *(C.2) Narrativa interpretativa*:

(C2.1) *Linha básica da narrativa*: megainfraestrutura como lógica desenvolvimentista.

(C2.2) *Linha de oposição*: por um lado, infraestruturas logísticas são fundamentais para a economia brasileira, como o escoamento da produção de grãos (soja). Por outro, essas megainfraestruturas (como rodovias ou ferrovias de longa extensão territorial) movimentam estruturas materiais e imaginárias e produzem distopias extrativistas – caso da exploração de cavernas por decreto presidencial.

(C2.3) *Linha consolidada da narrativa*: "a Natureza pode ser explorada".

Ressaltamos que essa *linha consolidada* é extraída interpretativamente a partir do pressuposto conceitual mobilizado pela análise de que os elementos naturais (a Natureza – como cavernas e lagos subterrâneos) *devem* ser preservados; todavia, estes elementos são explorados legitimamente e exterminados por uma ideologia extrativista que está presente no território brasileiro.

E finalmente, sobre *(C3) Análise crítica da narrativa*:

(C3.1) *Categoria analítica em perspectiva crítica*: Ressaltamos que a análise aqui realizada é fruto de um conjunto de tuítes encadeados, e não somente um tuíte isolado. Todavia, para efeitos didáticos, apresentamos somente um tuíte para facilitar a aplicação da análise com exemplos item a item. *Categorias analíticas mobilizadas*: (1) utopia crítica (el-Ojeili, 2020; Salmi & Fleury, 2022b) e (2) futuro imaginado (Beckert & Suckert, 2021; De Moor & Marquardt, 2023).

(C3.2): *Análise crítica da narrativa na chave crítica da questão climática*: A narrativa em construção por um agente do terceiro setor que tem como princípio declarado "o fim da ameaça das mudanças climáticas à humanidade e aos ecossistemas"[26] pauta-se por elementos *apocalípticos* para a construção de um quadro utópico *pós-apocalíptico*.

[26] Conforme o primeiro princípio de atuação da rede do Observatório do Clima. Consultado em 1 jul. 2023, em: https://www.oc.eco.br/quem-somos/premissas-e-principios/.

Análise crítica na chave da (1) utopia crítica: Aqui trazemos a "linha consolidada da narrativa" anteriormente extraída da análise, qual seja, de que "a *Natureza pode ser explorada*" (C2.3) de modo legal e, mais, ilimitada. A narrativa imposta pela pauta do Governo Federal (2019-2022) assenta-se em uma *indústria legalista* que busca forjar uma ideologia liberal extrativista, ou, em outros termos, de utopias neoliberais. Conflitos envolvendo megaprojetos de infraestrutura não são novos no mundo (Brulle, 2019; Brulle, Roberts, & Spencer, 2024; De Moor & Marquardt, 2023), tampouco no Brasil (Fleury & Almeida, 2013); porém, intensificam-se sob um regime reprodutor neoliberal de viés totalitarista e violento. Pode-se argumentar que há uma distopia explicitamente extrativista em operação – legitimada pela construção de tijolos narrativos do desenvolvimentismo predatório. Nesse caso, por legislações que datam da década de 1970 com a legitimação da BR-315 e pelo recente decreto presidencial 10.935/22 que permite a exploração de territórios de interesse econômico até então salvaguardados legalmente.

Análise crítica na chave da (2) *"futuro imaginado"*. Uma *utopia ancestral* – um tipo de *retropia* (González Vaillant, 2017) – é essencial para a manutenção dos modos de viver e habitar das comunidades locais milenares, como os povos da floresta que habitam as regiões da Amazônia Legal no Maranhão. No limite, a construção de uma utopia climática, talvez, passa necessariamente por narrativas apocalípticas como forma de indução a uma catarse. Não uma catarse nos termos de Beck (2018), mas uma catarse consciente, utopicamente planejada e politicamente ancorada nas condições materiais existentes. Trata-se de uma prática disruptiva que desloca o *futuro imaginado apocalíptico* (De Moor, 2022; De Moor & Marquardt, 2023) para o *futuro imaginado pós-apocalíptico, inscrito no presente*, não desenvolvimentista, porém materialmente realista.

Por fim, nesse ponto da etapa analítica, avança-se para a análise do próximo documento (*e.g.* tuíte, relatório, vídeo, evento ou conjunto desses) do *corpus* existente, tendo-se em mente a análise anteriormente realizada. Dessa forma, as análises, de caráter interpretativo-crítico, ganham densidade até atingir o ponto de saturação e/ou outro critério adotado à luz da(s) categoria(s) mobilizada(s).

Considerações finais: potencialidades e limites

O esquema epistemológico-analítico apresentado para a análise crítica de narrativa em perspectiva sociológica (ACN) não tem a pretensão de apresentar algo estanque, mas de apresentar um modelo flexível a partir da possibilidade de inclusão de outros métodos e técnicas oriundas de outras abordagens das ciências sociais. Nesse sentido, visamos apresentar um esquema analítico robusto e, ao mesmo tempo, flexível. Por se tratar de uma abordagem qualitativa, a proposta apresentada não inclui abordagens quantitativas, o que pode ser fruto de adaptações metodológicas futuras.

A estratégia metodológica da ACN em perspectiva sociológica ajuda a expandir o leque analítico de caráter interpretativo-crítico de modo robusto e replicável para além das já consolidadas análises de conteúdo (AC) e de discurso (AD), em especial a análise crítica de discurso (ACD).

E mais, demandas crescentes por análises de dados formados a partir de coleta em espaços digitais – *e.g.* etnografia digital, netnografia, pesquisas narrativas *online*, análise de narrativas digitais (Forberg & Schilt, 2023; Kozinets, 2014; Lupton, 2015; Motta, 2013; Padricelli & Punziano, 2023) – podem lançar mão da estratégia de análise crítica de narrativa em perspectiva sociológica (ACN), de modo integral ou adaptado, como modo de produzir novas compreensões sobre os ordenamentos sociais contemporâneos.

Em tempos de catástrofes sociais, ecológicas e políticas, pesquisadoras e pesquisadores dos campos da Sociologia, da Antropologia, da Ciência Política e outros campos das Ciências Humanas podem se valer do caráter interdisciplinar da análise crítica de narrativa em perspectiva sociológica (ACN) para ampliar a caixa de ferramenta conceitual-metodológica.

Referências

Arias-Maldonado, Manuel. (2019). Blooming landscapes? The paradox of utopian thinking in the Anthropocene. *Environmental Politics, 29*(6), 1024-1041. https://doi.org/10.1080/09644016.2019.1703384

Assis, Wendell F. T., & Acselrad, Henri. (2024). Os sentidos dos diagramas nas estratégias empresariais do capitalismo extrativista. *Sociologias, 26*, e-soc119818. https://doi.org/10.1590/18070337-119818

Barcelos, Márcio, Pereira, Matheus M., & Silva, Marcelo K. (2016). Redes, campos, coalizões e comunidades: conectando movimentos sociais e políticas públicas. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (82), 13-40. https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/419

Bardin, Lawrence. (2011/1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Bastos, Liliana C., & Biar, Liana de A. (2015). Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 31*, 97-126. https://doi.org/10.1590/18070337-119818

Beck, Ulrich. (2018). *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Zahar.

Beckert, Jens, & Lisa Suckert. (2021). The future as a social fact. The analysis of perceptions of the future in Sociology. *Poetics, 84*, 101499. https://doi.org/10.1016/j.poetic.2020.101499

Biar, Liana de A, Orton, Naomi, e Bastos, Liliana C. (2021). A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de "pós-verdade". *Linguagem em (Dis)curso, 21*, 231-251. https://doi.org/10.1590/1982-4017-210205-2920

Brulle, Robert J. (2019). Networks of opposition: A structural analysis of U.S. climate change countermovement coalitions 1989-2015. *Sociological Inquiry, 91*(3), 603-24. https://doi.org/10.1111/soin.12333

Brulle, Robert J., Roberts, J. T., & Spencer, Miranda C. (org.). (2024). *Climate obstruction across Europe* (1. ed.). Oxford University Press.

Ceni, Jéssica C., & Rese, Natália. (2020). Samarco e o rompimento na barragem de Fundão: a narrativa como um recurso performativo da prática estratégica de sensegiving inerente ao strategizing pós-desastre. *Organizações & Sociedade, 27*(93). https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/25416

Clark, Nigel, & Szerszynski, Bronislaw. (2021). *Planetary social thought: The anthropocene challenge to the social sciences*. Polity Press.

Climate and Development Lab. 2023. *Discourses of climate delay in the campaign against offshore wind: A case study from Rhode Island*. Brown University. http://www.climatedevlab.brown.edu/home/discourses-of-climate-delay-in-the-campaign-against-offshore-wind-a-case-study-from-rhode-island

Cordero, Rodrigo, Mascareño, Aldo, Rodríguez, Ignacia, & Salinas, Francisco. (2023). Mythical infrastructuring: The work of stories in the making of the Chacao Bridge, Southern Chile. *Nature and Culture, 18*(3), 257-279. https://doi.org/10.3167/nc.2023.180302

Czarniawska, Barbara. (2004). *Narratives in social science research. Introducing Qualitative Methods*. Sage Publications.

De Moor, Joost. (2022). Postapocalyptic narratives in climate activism: Their place and impact in five European cities. *Environmental Politics, 31*(6), 927-948. https://doi.org/10.1080/09644016.2021.1959123

De Moor, Joost, & Marquardt, Jens. (2023). Deciding whether it's too late: How climate activists coordinate alternative futures in a postapocalyptic present. *Geoforum, 138*, 103666. https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2022.103666

De Moor, Joost, & Wahlström, Mattias. (2019). Narrating political opportunities: Explaining strategic adaptation in the climate movement. *Theory and Society, 48*(3), 419-451. https://doi.org/10.1007/s11186-019-09347-3

Demuru, Paolo. (2019). Tempo, mídia e processos sociopolíticos no Brasil do século XXI: Perspectivas sociossemióticas. *Revista FAMECOS, 26*(2), 32229. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2.32229

Elliott, Anthony, & Urry, John. (2010). *Mobile lives*. Routledge.

Feijó, Glauco V. (2014). ADC, ACN e fontes orais: algumas reflexões sobre interdisciplinaridade e ideologia. *Cadernos de Linguagem e Sociedade, 15*(2), 8-25. https://doi.org/10.26512/les.v15i2.7556

Feijó, Glauco V. (2017). A análise crítica de narrativa na interpretação de narrativas orais. *Atlas CIAQ – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, 3*(6), 500-511.

Feldman, Martha, Skoldberg, Kaj, Brown, Ruth, & Horner, Debra. (2004). Making sense of stories: A rhetorical approach to narrative analysis. *Journal of Public Administration Research and Theory, 14*(2), 147-70. https://doi.org/10.1093/jopart/muh010

Fleury, Lorena C., & Almeida, Jalcione. (2013). A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. *Ambiente & Sociedade, 16*(4), 141-156. https://doi.org/10.1590/S1414-753X2013000400009

Fleury, Lorena C., Miguel, Jean Carlos H., & Taddei, Renzo. (2019). Mudanças climáticas, ciência e sociedade. *Sociologias, 21*(51), 18-42. https://doi.org/10.1590/15174522-0215101

Forberg, Peter, & Schilt, Kristen. (2023). What is ethnographic about digital ethnography? A sociological perspective. *Frontiers in Sociology, 8*, 1156776. https://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1156776

Fortes, Bartira S., Porsani, Juliana, & Lalander, Rickard. (2023). Contesting extractivism through Amazonian indigenous artivism: Decolonial reflections on possibilities for crafting a pluriverse from within. *Alternautas, 10*(1), 155-90. https://doi.org/10.31273/an.v10i1.1300

Franzosi, Roberto. (1998). Narrative analysis—Or why (and how) sociologists should be interested in narrative. *Annual Review of Sociology, 24*(1), 517-54. https://doi.org/10.1146/annurev.soc.24.1.517

González Vaillant, Gabriela. (2017). Entre utopías y retropías: Jóvenes militantes de izquierda y la dimensión temporal de las identidades políticas. *Revista de Teoría Política*, (7), 240-261. https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/17818

Haraway, Donna J. (2008). When species meet. In D. J. Haraway (org.), *When species meet, Posthumanities* (pp. 69-93). University of Minnesota Press.

Horta, Julio, Siade, Georgina P., Padilla, Georgina F., & Universidad Nacional Autónoma de México (org.). (2019). *Sociosemiótica y cultura: principios de semiótica y modelos de análisis* (1. Ed.). Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales.

Jameson, Fredric. (1992). *O inconsciente político: A narrativa como ato socialmente simbólico*. Editora Ática.

Kozinets, Robert V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso.

Landowski, Eric. (2014a). *Interações arriscadas*. Estação das Letras e Cores; Centro de Pesquisas Sociossemióticas.

Landowski, Eric. (2014b). Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia, 14*(27), 10-20. https://doi.org/10.1590/1982-25542014119609

Levitas, Ruth. (2013). *Utopia as Method*. Palgrave Macmillan UK.

Lupton, Deborah. (2015). *Digital Sociology*. Routledge, Taylor & Francis Group.

Lynch, Cecelia. (2015). Critical interpretation and interwar peace movements: Challenging dominant narratives. *In* D. Yanow & P. Schwartz-Shea (org.), *Interpretation and method: empirical research methods and the interpretive turn* (pp. 300-308). Routledge.

Manovitch, Lev. (2020). *Cultural analytics*. The MIT Press.

Martins, Paulo Henrique. (2023). O valor do relacional: sobre demandas de dádivas em situações distópicas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (130), 51-72. https://doi.org/10.4000/rccs.14444

Martins, Paulo Henrique. (2021). Teoria crítica da colonialidade: rumos de uma teoria crítica plural, descolonizada, cosmopolita e fronteiriça. *Novos Rumos Sociológicos, 9*(15), 159-194.

Montanari, Federico. (2013). Abordagem sociossemiòtica de conflito e guerra. *In* O. Fulaneti & A. Bueno (org.), *Linguagem e política. Princípios teórico-discursivos, Climate, Science and Society* (pp. 129-157). Contexto.

Motta, Luiz G. 2013. *Análise crítica da narrativa*. Editora UnB.

el-Ojeili, Chamsy. (2020). *The utopian constellation: Future-oriented social and political thought today*. Springer International Publishing.

Padricelli, Giuseppe M., & Punziano, Gabriella. (2023). Ethnography and the digital scenario: A typological scheme of differences and evolutionary trajectories. *Frontiers in Sociology, 8*, 1037359. https://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1037359

Rached, Danielle H. (2016). Interfaces entre o regime internacional de mudança climática e a saúde global. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (98), 231-254. https://doi.org/10.1590/0102-6445231-254/98

Ripberger, Joseph T., Gupta, Kuhika, Silva, Carol L., & Jenkins-Smith, Hank C. (2014). Cultural theory and the measurement of deep core beliefs within the advocacy coalition framework: Cultural theory and the measurement of deep core beliefs. *Policy Studies Journal, 42*(4), 509-527. https://doi.org/10.1111/psj.12074

Robinson, Kim S. (2016). Remarks on utopia in the age of climate change. *Utopian Studies, 27*(1), 1-15. https://doi.org/10.5325/utopianstudies.27.1.0001

Sabatier, Paul A. (1998). The advocacy coalition framework: Revisions and relevance for Europe. *Journal of European Public Policy, 5*(1), 98-130. https://doi.org/10.1080/13501768880000051

Salmi, Frederico, & Fleury, Lorena C. (2022a). Mudanças climáticas e Ciências Sociais: análise bibliométrica do campo (2011-2021). *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 1*(97), 1-19. http://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/574

Salmi, Frederico, & Fleury, Lorena C. (2022b). Sociologia da utopia crítica no nexo das mudanças climáticas. *Tramas y Redes – CLACSO*, (3), 91-111. https://doi.org/10.54871/cl4c304a

Sampaio, Rafael C. *et al.* (2022). Muita Bardin, pouca qualidade: uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. *Revista Pesquisa Qualitativa, 10*(25), 464-94. https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.25.547

Sampaio, Rafael C., Sanchez, Cristiane S., Tigrinho, Camila S., Ernsen, Karina, Souza, Josiane R., & Duarte, Elysangela D. (2025). Chega de Bardin! O círculo vicioso da análise de conteúdo brasileira. *Scielo Preprints*. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12029

Schäfer, Mike S., & Yan, Xiaoyue. (2023). News and social media imagery of climate change. *In* Z. Baker (org.), *Climate, Science and Society* (pp. 66-73). Routledge.

Silva, Frederico A. B. da, & Moreira, Raquel O. (2022). Seguir os documentos, ouvir as narrativas: Análise de políticas públicas e a produção de sentidos sobre financiamento da cultura. *Dados, 66*, e20210124. https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.1.284

Souto-Manning, Mariana. (2012). Critical narrative analysis: The interplay of critical discourse and narrative analyses. *International Journal of Qualitative Studies in Education, 27*(2), 159-180. https://doi.org/10.1080/09518398.2012.737046

Sutton, Liz H. (2019). Tendencias en la investigación sobre las narrativas del padecer. In J. Horta (org.), *Sociosemiótica y cultura: principios de semiótica y modelos de análisis* (pp. 329-361). Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales.

Svampa, Maristella, & Viale, Enrique. (2021). *El colapso ecológico ya llegó: una brújula para salir del (mal)desarrollo*. Siglo Veintiuno.

Taks, Javier. (2019). Transformaciones de la narrativa del cambio climático global en Uruguay. *Sociologias, 21*(51), 102-123. https://doi.org/10.1590/15174522-0215104

Thurlow, Crispin, & Jaworski, Adam. (2006). The alchemy of the upwardly mobile: Symbolic capital and the stylization of elites in frequent-flyer programmes. *Discourse & Society, 17*(1), 99-135. https://doi.org/10.1177/0957926506058066

Ulloa, Astrid. (2017). Dinámicas ambientales y extractivas en el siglo XXI: ¿es la época del Antropoceno o del Capitaloceno en Latinoamérica? *Desacatos. Revista de Ciencias Sociales*, (54), 58-73. https://doi.org/10.29340/54.1740

Urry, John. (2016). *What is the future?* Polity Press.

Van Noort, Carolijn. (2019). The construction of power in the strategic narratives of the BRICS. *Global Society, 33*(4), 462-478. https://doi.org/10.1080/13600826.2019.1581733

Veiga, José Eli da. (2023). *O antropoceno e as humanidades*. Editora 34.

Viglio, José Eduardo, Di Giulio, Gabriela M., Barbi, Fabiana, & Ferreira, Lúcia da C. (2019). Narrativas científicas sobre petróleo e mudanças do clima e suas reverberações na política climática brasileira. *Sociologias, 21*(51). https://doi.org/10.1590/15174522-0215105

Weible, Christopher M., Sabatier, Paul A., Jenkins-Smith, Hank C., Nohrstedt, Daniel, Henry, Adam D., & deLeon, Peter. (2011). A quarter century of the advocacy coalition framework: An introduction to the special issue. *Policy Studies Journal, 39*(3), 349-360. https://doi.org/10.1111/j.1541-0072.2011.00412.x

Werneck, Alexandre, & Loretti, Pricila. (2019). Forma-crítica, formas da crítica: as diferentes dimensões do discurso de descontentamento. In R. Cantu *et al.* (org.), *Sociologia, crítica e pragmatismo: diálogos entre França e Brasil* (pp. 349-386). Pontes.

Agradecimentos

FS agradece à bolsa fornecida pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil.

FS, LCF e MD são membros do INCT Participa (Processo: 406630/2022-4, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, CNPq) – as análises e conclusões expressas são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão CNPq, a quem os autores agradecem.

Contribuições dos autores

Conceptualização, Curadoria dos dados, Investigação, Redação do rascunho original: FS; Análise formal, Metodologia, Visualização, Redação: FS, LF e MD; Supervisão, Validação: LF e MD.

Recebido: 13 maio 2024.
Aceito: 28 jan. 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0